

Eliseo Verón e o deslocamento da semiótica

Manuel Dutra¹

Resumo

Esta entrevista, realizada presencialmente por ocasião da Compós/Belém do Pará, em maio de 2014, tem como objetivo, para o entrevistador, dar partida a um estudo do legado de Verón, por meio de uma leitura acurada de seus principais trabalhos, com busca metódica de seu esforço no sentido de enxergar a comunicação a partir da América Latina, fato que insere suas ideias em torno da criação do CISECO, com múltipla colaboração, no sentido de fugir aos cânones cimentados e pouco criativos dos ambientes acadêmicos regionais.

Palavras-chave:

Verón; deslocamento da semiótica; produtivismo acadêmico; Ciseco

Introdução

Desaparecido no último dia 15 de abril em Buenos Aires, como teórico Eliseo Verón sempre recusou a posição do condutor, e ele até poderia ser reconhecido como tal, isto é, como realizador de um corte, dadas as suas contribuições às teorias da comunicação. Ele propõe, via um longo trabalho de pesquisa e de formulação, rupturas muito importantes, sem situá-las a partir de uma posição autorreferente de mestre. Em lugar disso, a continuidade de uma obra cujas marcas iam anunciando o passo seguinte desse processo de deslocamento da comunicação das matrizes conscienciais, em suma, dos paradigmas que continuam, ainda, orientando a pesquisa desta disciplina.

A interpretação dada no parágrafo anterior é de Antonio Fausto Neto, expresso em entrevista ao autor deste trabalho. Aqui ele fala do legado de Verón e do que seria um dos pontos focais de sua contribuição para a compreensão dos processos comunicacionais, notadamente na América Latina, ou seja, o deslocamento da semiótica

¹ Jornalista, professor na UFPA/Belém, autor de “A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade e os povos da floresta (2009)”, “O Pará dividido: discurso e construção do Estado do Tapajós (1999)” e de “Ramal dos Doidos (1998)” (coletânea de reportagens sobre temáticas amazônicas). Agraciado com o Prêmio Intercom 2004 de melhor tese de comunicação, e com três Prêmios Esso de Jornalismo.

- de uma engenharia interpretativa para o entendimento da complexa e infinita semiose humana.

Esta entrevista, realizada presencialmente por ocasião da Compós/Belém do Pará, em maio de 2014, tem como objetivo, para o entrevistador, dar partida a um estudo do legado de Verón, por meio de uma leitura acurada de seus principais trabalhos, com busca metódica de seu esforço no sentido de enxergar a comunicação a partir da América Latina, fato que insere suas ideias em torno da criação do CISECO, com múltipla colaboração, no sentido de fugir aos cânones cimentados e pouco criativos dos ambientes acadêmicos regionais.

A entrevista aqui apresentada, nós a realizamos buscando contextualizar o diálogo no tempo e no espaço e, dentro do possível, levando em conta o que expressa Cremilda Medina no capítulo “Técnicos e artífices do diálogo”, de seu conhecido livro “Entrevista, o diálogo possível” (2000, p. 9), em que a autora mostra que “para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios”.

Dessa forma é que Fausto Neto fala resumidamente do legado de Eliseo Verón e do que seria um dos pontos focais de sua contribuição para a compreensão dos processos comunicacionais, notadamente na América Latina, ou seja, o deslocamento da semiótica - de uma engenharia interpretativa para o entendimento da complexa e infinita semiose humana.

Diz também das motivações primeiras para a criação do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação, o CISECO, do qual é presidente, e faz uma crítica à burocratização das agências de fomento à pesquisa, que enseja a falta de solidariedade dentro das universidades.

A entrevista foi realizada na Universidade Federal do Pará, presencialmente, gravada, duas semanas antes do início dos jogos da Copa do Mundo. Foi concluída com a última questão feita por email, duas semanas após o início do certame mundial. Dadas a atualidade e a intensidade do período da Copa, o entrevistado concordou em reincluir a temática, notadamente quanto à posição dos atores sociais na sua relação com a chamada grande mídia.

Concluindo a sua apreciação do trabalho de Verón, de quem foi amigo e parceiro de pesquisa por muitos anos, Fausto reflete sobre esse novo sujeito presente nos processos político-midiáticos, chamado habitualmente de receptor.

O Entrevistado

Antonio Fausto Neto é doutor em Sciences de La Communication et de L'information na École des Hautes Etudes en Sciences Sociales - França (1982), fez estudos de pós-doutorado na UFRJ - RJ (1990). É pesquisador 1A do CNPq; membro do Comitê Científico do CNPq (área de comunicação); Consultor ad hoc da CAPES, CNPq, Fundação Carlos Chagas. Professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo, Grande Porto Alegre; professor da Unifra; ex-professor nas: UFRJ, UFPb, UnB e PUC-Minas. Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB Campus João Pessoa. Presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO). Co-fundador da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós. Autor de vários livros, entre eles Mortes em derrapagem (1991); O impeachment da televisão (1995); Ensinando à TV Escola (2001); Desconstruindo os sentidos (2001); Lula Presidente - Televisão e política na campanha eleitoral (2003); O mundo das mídias (2004). Além de centenas de artigos, capítulos de livros, participação destacada em congressos.

A Entrevista

O texto a seguir é produto da transcrição do diálogo gravado, sendo a última questão, “As múltiplas agendas da Copa”, feita por meio de correio eletrônico. Compõe-se de 40 turnos, apresentados como “questões”, no primeiro, e com o nome do entrevistado, no turno seguinte, em frequência equivalente aos participantes.

Um ponto focal ou muito além?

Questão – Qual teria sido o ponto focal da contribuição de Verón para a pesquisa e a compreensão dos processos comunicacionais na América Latina?

Fausto Neto – É complicado tentar responder a essa questão, destacando ponto focal. Se quisermos falar de um ponto focal, mas atrelado a outros pontos, eu acho que foi o longo, gigantesco e inconcluso trabalho que Verón desenvolveu no sentido de

retirar a semiótica de uma engenharia interpretativa, dura, através de um diálogo com certas disciplinas – a antropologia, a história, uma leitura marxiana de ótima qualidade, uma passagem por teorias de fundamentos psicológicos – quer dizer, um conjunto de disciplinas que representam não a fundação de uma semiótica, até porque Verón sempre recusou a colocar-se como fundador, negando uma fundação na medida em que os processos discursivos estariam sempre gerando novas ocorrências, que não seriam fundações, mas seriam pontos de nós em processos que dali dinamizariam novos processos e, conseqüentemente, novos nós. Verón sempre recusou essa noção de fundação e de fundador. Haveria um processo interminável e com os nós constituintes de certos momentos.

Questão – Pode explicar melhor esse deslocamento da semiótica?

Fausto Neto – Essa é uma questão importantíssima, o deslocamento da semiótica, feito por um trabalho muito longo, meticuloso, artesanal e em diálogo com disciplinas e autores que foram caros para ele, como por exemplo, Gregory Bateson, Claude Lévi-Straus, Émile Benveniste, Antoine Culioli e Charles Sanders Peirce. Foram espécies de andaimes sobre os quais se sustentou o projeto dele, que representa o deslocamento da semiótica para uma dimensão social. Daí, coincidentemente, os títulos das duas obras dele que aparecem em dois momentos, que são passagens e articulações, apesar de distantes no tempo. Uma, a *Semiose Social I*, que Verón escreveu em Paris, é a sua tese de doutoramento, e a segunda, que é o seu último livro, que ele escreveu exatamente um ano antes de morrer, que é o *Semiose II*. É um texto em que Verón retoma as questões de *Semiose I*, vai tentando reconstituir a história da mediação, procurando compreender essa complexa semiose humana, do *Homo sapiens*, em que ele adensa capítulos que já tinha escrito, mas que vai retomando, para dizer, talvez, ‘estou aqui concluindo provisoriamente uma certa tarefa à qual me lancei no sentido de esboçar uma teoria da produção dos sentidos em termos sociais’.

Isso é uma coisa focal na obra de Verón, ela é processual, é longa, e quem não o lê com o sentido de um *krónos* não vai entender, não entenderá essa cronologia se não fizer uma relação com algumas questões que ele está levantando em períodos dessa cronologia, que são afins e relacionadas. Um período mais teórico, um período mais empírico, um período em que ele abre o tempo dele para fazer a pesquisa do funcionamento dos sentidos em práticas significantes, da vida social midiática. Ele faz a

passagem da grande teoria para uma teoria aplicada, para aquela teoria dos empíricos objetivados, ou dos empíricos conceitualizantes, digamos assim.

Essa a obra de Verón sobre a qual ele nunca pleiteou fazer escola no sentido formal, de deixar seguidores no sentido de criar hierarquia ou confraria. Acompanhei Verón em diferentes momentos da vida dele e jamais o vi colocar-se, assim, no lugar do mestre, no sentido de condutor de um saber que fizesse uma escola funcionando em torno de cânones, hierarquias ou rituais. (Leia aqui entrevista com Verón e Fausto no primeiro Pentálogo, em 2009: “O Ciseco não é um clube teórico”).

Mestre, Verón Recusou essa Posição

Questão – Ao recusar a condição de fundador, Verón se aproxima de Foucault, na questão das formações discursivas, já que a fundação representaria uma ruptura, uma descontinuidade num conjunto de teorias?

Fausto Neto – Verón sempre recusou a posição do condutor, e ele até poderia ser reconhecido como tal, isto é, como realizador de um corte, dadas as suas contribuições às teorias da comunicação. Ele propõe, via um longo trabalho de pesquisa e de formulação, rupturas muito importantes, sem situá-las a partir de uma posição autorreferente de mestre. Em lugar disso, a continuidade de uma obra cujas marcas iam anunciando o passo seguinte desse processo de deslocamento da comunicação das matrizes conscienciais, em suma, dos paradigmas que continuam, ainda, orientando a pesquisa desta disciplina.

Isso se liga à própria personalidade dele, discreta, e às vezes até introvertida, mas também por uma questão teórica, ele lia isso à luz da própria semiotização, ou seja, de um processo no qual via o sujeito, mas sempre no interior de redes, não uma rede digital, mas as redes da semiose infinita. O sujeito não é esse lugar protagônico, mas alguém que está na rede, ativando e sendo ativado por ela, ativando passagens por processos em que certamente aí estariam acontecimentos, registros importantes. Vejo Verón mais desenvolvendo uma atividade reflexiva acerca disso, mas tomando como cenário o próprio trajeto da cadeia semiótica.

Questão – Em A Produção do Sentido, Verón faz uma aparente ironia a Foucault quando ele se refere a uma “arqueologia do saber europeu”. É uma crítica a um modo de pensar que ele conhecia muito bem, dado o tempo que ele viveu na França?

Fausto Neto – Posso deduzir que sim, porque, apesar de ele fazer daquele contexto parte significativa de sua vida – ele viveu na universidade europeia em vários momentos, com muitos embates junto a autores tidos como “vacas sagradas”, vários deles seus amigos, como Barthes e Christian Metz – eu quero acreditar que, de alguma maneira, quando Verón reporta-se a Foucault, ele se reporta no contexto do que representa a obra dele [de Foucault] no diálogo com a questão discursiva. Acho que essa observação é no sentido em que Foucault formula a sua Ordem do Discurso, mas dentro de um quadro cognitivo e um quadro cultural, onde a questão das instituições e do saber, da disciplina e das formações sociais, tudo isso era muito marcado por um ethos que tanto Foucault quanto Verón conheciam bem, mas que provavelmente Verón dizia, com isso, que escapava a Foucault uma compreensão, não diria universal, porém uma compreensão mais diversificada de formações sociais, como acho que é aquilo que ele, Verón, se propôs a fazer. Quando ele escreve sobre o discurso, ele faz um longo percurso, ele parte da filosofia, vai à sociologia por algum tempo, depois faz uma incursão por uma psicossociologia e na antropologia. Situa-se na referência de um processo histórico muito complexo, que é a Argentina, foi um dos líderes das traduções, na América do Sul, da obra de Lévi-Strauss, foi um leitor fino de Benveniste, faz um deslocamento em direção a Bateson, desponta-se como um dos mais finos leitores de Peirce do ponto de vista de uma aproximação da obra deste grande pensador com a comunicação, e tudo isso sem perder o contato com os empíricos mais simples das discursividades sociais, no caso, a matéria significativa midiática.

Então, Verón teve uma compreensão, digamos, de um cenário universal mais diversificado e mais amplo do que aquilo que foi o objeto e o próprio lugar de referência da obra foucaultiana, que foi um debruçar-se sobre a produção do saber na Europa nas suas mais diferentes fases. Há um texto dele [Verón] escrito, no livro *A produção do sentido*, onde ele faz uma discussão entre ideologia e poder e onde reconhece a importância da contribuição foucaultiana para as discussões sobre poder, mas imediatamente faz uma observação, mostrando que, além das formações discursivas faoucaultinanas, e tomando como empréstimo uma própria observação deste eminente pensador, manifestada no seu texto *a Ordem do discurso*: ‘o criminoso deixa sempre as marcas do que fez em relação ao crime’; então, é através deste deslocamento de fixar-se nas marcas que a análise do discurso se faz, levando o analista à cena do crime; penso

que ele dinamiza essa a preocupação foucaultiana ao mostrar que é no trabalho sobre a análise do discurso – de suas marcas e pistas – que se movimenta o trabalho de descrição e funcionamento do discurso. Trata-se de uma compreensão desta disciplina, a análise do discurso, enquanto uma atividade muito mais densa e ampla do que a sua compreensão como apenas uma técnica. Nisso Verón concorda com Foucault longamente. A questão analítica do discurso é uma questão mais de fundo teórico, filosófico, sócio-antropológico e comunicacional do que um procedimento de intervenção do observador sobre o discurso. Por isso a compreensão do modelo de Verón é complicada porque ele não desenvolve uma atividade sobre as técnicas de análise do discurso, mas executa uma atividade reflexiva e elaborativa sobre a teoria dos discursos sociais, e quais são as contribuições que emanam para isso e que consequência se pode tirar deste processo, e do trabalho que se faz junto aos textos, enquanto materialidade discursiva.

A Pesquisa no Brasil e as Trajetórias Europeia e Norte-Americana

Questão – Verón contribui significativamente para uma reflexão mais autônoma sobre os processos comunicacionais na América Latina. Esse processo é irreversível, isto é, os teóricos latino-americanos estão chegando a um momento de diálogo, em substituição à mera importação de fundamentos teóricos mais aplicados à Europa e aos Estados Unidos?

Fausto Neto – Eu acho que essa pergunta impõe o uso de processos comparativos complexos e também específicos, entre a trajetória brasileira nessa área – a da comunicação - e a trajetória europeia ou norte-americana. Eu acho que, no Brasil, o processo da institucionalização da comunicação, como disciplina, é um processo mais jovem, com contornos muito específicos e que passa por uma mistura de sopros das dimensões de políticas privada e estatal. Vendo esses 40 anos, pelo menos, o processo de institucionalização da área da comunicação, como pesquisa, como atividade de formação e como atividade estratégica, passa pela universidade, em suas diferentes fases, a partir dos anos 50 do século passado. Trata-se de uma área muito jovem se levarmos em conta essa periodização. E, enquanto uma sociedade receptora, sofremos os efeitos dos ventos que se deslocavam dos até então chamados “países centrais” aos cenários atuais. O cenário de uma circulação de ideias e capitais, etc., por conta da

globalização hoje, que nos tira, de alguma forma, desse lugar totalmente periférico, segundo uma leitura da sociologia da dependência dos anos 60 e 70. Mas continuamos sendo ainda um país situado numa esfera de recepção de práticas editoriais, práticas de produção de conhecimento, de laboratórios e práticas de certos protocolos científicos. De um lado, somos ainda dependentes de hábitos de países já consolidados nessa questão, e hoje, mais do que nunca, estas referências aparecem sob outros contornos, quando nos são sugeridos os modelos não mais de países, mas de universidades com as quais devemos nos espelhar. Na prática, adquirindo os seus serviços, nos moldes de um outro processo de comercialização que envolve hoje, também, as questões relativas à transferência de conhecimento... de outro, graças às políticas públicas muito especiais, o Estado jogou parte de sua acumulação na definição de um modelo que pudesse gerar no País a institucionalização das áreas de conhecimento segundo a indução de programas que gerassem o sistema de pós-graduação. E com esse sistema, as chamadas áreas de conhecimento, para se pensar um modelo de pesquisa e de formação de seus agentes, como foi o caso da comunicação, atribuindo-lhe um status de disciplina ou de uma área de formação.

E isso tem a ver com as políticas das agências nacionais, como Capes e CNPq, estimulando esses processos de formação de pós-doutorandos, pós-graduandos, tem a ver com a melhoria da produção editorial e de práticas de intercâmbios sob novas condições. Sem dúvida, existe essa materialidade construída no País, o parque de produção de conhecimentos, digamos assim; mas continuamos importadores não só de métodos, mas também importadores de problemas. Esta problemática, se distante, manifesta-se hoje com outras roupagens. Nesse sentido, não posso esquecer o editorial da revista *Lenguajes*, no seu número inaugural, que semiólogos argentinos editaram na virada dos anos 1970. Este fazia justamente essa crítica à questão central no debate sobre a dependência, isto é, somos um continente que importamos métodos e problemas a pesquisar.

De alguma forma, sob novas condições políticas e institucionais, este processo se mantém, e agravado com a ausência de um clima de objeções que se manifestariam pelo debate, reflexão e a produção de ideias. As novas condições de circulação do conhecimento nos põe em contato com novos mapas e novas problemáticas, mas os processos de recepção são frágeis, na ausência de práticas analíticas sobre problemáticas

e temáticas diversas. Somos ainda um país receptor de teorias, muitas com um baixo exercício analítico de suas epistemes, na medida em que a lógica da produção tomou o lugar das lógicas reflexivas nos sistemas universitários. Certamente, começamos a criar um contraste com isso quando emergem os programas de pós-graduação, que trazem à tona essas questões; algo que vai, ainda, de modo lento...

Questão – Esse início de mudança se dá na área da comunicação ou nas demais áreas afins?

Fausto Neto – De modo geral, nas áreas das ciências humanas e sociais. Disciplinas como a sociologia e a filosofia fazem uma mudança de rotas com mais celeridade, talvez por suas características, suas singularidades nos modos de eleger e lidar com objetos e, por isso talvez, atingem um grau de autonomia maior do que a comunicação. Nós estamos passando por uma tensão: de um lado demos um salto, apresentando, graças à cultura da pós-graduação que se dissemina, uma elaboração mais autônoma, com um certo caminhar próprio, o que pode ser atestado quando parte da produção científica da área, no Brasil, se põe em contato com a de outras realidades. Mas, por outro lado, ainda é frágil o processo de diferenciação interna, daquilo que caracterizaria as identidades dos nossos programas de pós-graduação.

O efeito da globalização sobre a produção do conhecimento estabelece uma geleia geral quando observamos as propostas dos programas, as suas áreas de concentração, disciplinas, bibliografias, etc., e indiferenciação, muitas vezes, nas nomenclaturas dos programas. Todos os modelos estão nas prateleiras, mas o trabalho de situá-los, segundo demandas diferentes e propostas singulares, isso ainda fica a desdejar. Fazemos uma boa coleta, mas o trabalho de classificar o produto da coleta fica devendo em termos de criatividade e de critérios críticos. Então, todos os referenciais passam a ser divisados sem fronteiras e sem indagações, porque todos estão postos na vitrine, com poucas diferenças e, talvez, o que pouco trata de diferenciá-los é justamente o critério de avaliações.

O trabalho metodológico e teórico é muito precário na área da comunicação, justamente pela dinamização que a globalização deixa no nosso mercado acadêmico, na referenciação de literatura, de questões e métodos que aportam todos os programas e todos os centros de pesquisa. Quais as consequências disso? Uma é: temos autonomia, temos um parque de conhecimento gigantesco, a produção já é expressiva

quantitativamente, há protocolos interessantes, mas o processo de reflexão sobre o objeto da comunicação ainda é mimético e com sinais de criatividade ainda muito localizados. Usufruímos da autonomia de um modelo quando mostramos marcas da existência de um parque, uma infraestrutura, uma plataforma da atividade onde se realiza esse projeto acadêmico-comunicacional, que são os nossos PPGs [Programas de Pós-Graduação], que já ultrapassam, certamente, a casa dos cinquenta. Mas do ponto de vista da produção e utilização de conhecimento, acho que temos ainda uma reflexão a fazer, em torno do desafio da diferenciação...

A Universidade Produtivista, a Lembrança de Benedito Nunes e outros Mestres

Questão – Essa autonomização do parque ao lado desses problemas ainda relacionados ao que tu chamas de mimetismo têm a ver, certamente, com a crescente autonomização da sociedade brasileira, como um todo, frente às economias já consolidadas...

Fausto Neto – Vou pensar em voz alta: acho que a ciência foi muito criativa em alguns aspectos, e mesmo durante o ciclo militar conseguiu-se formular hábitos de trabalhar que eram instigantes e criativos. Centenas de jovens pós-graduandos, em torno de velhos e novos mestres, fizeram da universidade um lugar de inquietação e de estudo. Lembro-me da Universidade de Brasília, onde fiz meu mestrado. Os seus cursos eram uma matriz de muitos debates. O reitor da UNB era um capitão-de-mar-e-guerra, mas nós tínhamos professores como José Guilherme Merchior, Edmar Bacha, hoje economista do PSDB, eram cursos densamente frequentados. O ex-senador e professor da UNB, Lauro Campos, dava um curso sobre Marx, denso e com muita discussão, e frequentado por alunos que se tornaram eminentes técnicos, hoje formuladores de políticas públicas e de instituições privadas. Era uma vida experimental e especulativa, de perguntas mais ativas, de resistências e enfrentamentos aos cerceamentos institucionais e políticos.

Esse panorama era mais instigante do que essa atividade burocratizante, normativa e repetitiva por que passa hoje a universidade. A universidade lidou, até um certo momento, com o problema da autonomia universitária em termos pedagógico e financeiro e fizemos dessa questão uma palavra de ordem, com boas reflexões e contributos às políticas educacionais e, particularmente, das instituições universitárias.

Hoje, estas questões, praticamente, estão naturalizadas! Hoje não temos autonomia financeira por vários motivos, dentre eles o modelo da responsabilidade fiscal, que centraliza a noção e a filosofia dos gastos. E não temos autonomia pedagógica porque as agências especializadas se tornaram agências reguladoras, intervindo em várias áreas; as que intervêm sobre temas da água, da telefonia, da informática, da aviação, medicamentos, etc., e também aquelas que intervêm a área do saber. Elas avocaram a si as definições e a fiscalização de políticas públicas, como as da área da educação, transformando, na prática, o status das universidades em lugar de agências no sentido literal do termo. Aquelas funcionam agora na seguinte lógica: ‘Ora, como eu tenho o dinheiro, eu tenho também a capacidade de regular as condições de implemento do dinheiro, tenho as condições de designar os destinatários de seus usos, fixar os critérios de sua aplicação, definir sua rentabilidade simbólica, em suma, os próprios processos de reconhecimento das atividades da universidade. Por exemplo, nós estamos hoje entregues às lógicas da produtividade e de um reconhecimento feito por instâncias mediadoras que retiram da universidade a singularidade de sua razão de ser.

Este fato produz muitos efeitos, como por exemplo: as universidades eram reconhecidas pela existência, aqui [na Universidade Federal do Pará] do professor Benedito Nunes e de outros eminentes mestres, e não pela sua inserção no ranqueamento quantitativo. Então saímos de uma lógica de produtividade para uma outra, que expõe um conjunto de dimensões culturais e ideológicas importantes, enquanto estratégias de reconhecimento da universidade. E a universidade passa a incorporar, na sua prática, a tal ponto, essa atividade regulatória, ao eleger suas manifestações simbólicas de autorreferência através destas mesmas lógicas. Nela desaparece também algo o que se chama de “solidariedade horizontal” nas suas rotinas pedagógicas e no lugar desta a relação autista do pesquisador com o sistema avaliador... Seu ideal e meta é fazer seu relatório chegar à agência financiadora, como destino final.

Questão – O produtivismo criando entraves à produção...

Fausto Neto – Sim, na medida em que o produtivismo coloca uma série de precondições para que se produza, para que se organize um grupo, para que se possa simbolicamente reconhecer o que é a pesquisa na universidade. Há cânones dentro das agências dizendo o que é pesquisa. O fluxo do conhecimento é regulado por mecanismos intrínsecos à nova ordem mundial no seu aspecto econômico, político e

cultural e isso faz com que a geração de conhecimento seja atravessada por muitos óbices ou mediações. É nesse sentido que emergem duas posturas em relação à universidade: a daqueles que se engajam nessa ordem de entrar na lógica do ranqueamento, como a dizer ‘eu dou as costas para a minha universidade porque estou preocupado com os meus indicadores’, e a outra postura é um ponto de vista entre o cético, embora desafiador, que se volta para inventar um novo estilo de pensar e de fazer circular ideias. Talvez esta energia esteja situada nas universidades, em suas periferias, como núcleos de pesquisa, etc., e quem sabe, no CISECO, que seriam sintomas destas novas potencialidades?

Questão – Nesse contexto que colocaste, pode explicar o que é o CISECO?

Fausto Neto – O CISECO é um projeto nascido na cabeça do Verón, de um homem já com mais de 60 anos e décadas de academia e de pesquisa, e que se via cético em relação a um modelo de universidade, isto é, cético em relação a essas lógicas avaliadoras e da organização do conhecimento. Ele conhecia bem esta questão porque a vinha estudando através de relatórios muito densos e atuais, feitos em conjunturas europeias e norte-americanas. Conhecia também os formatos de novos coletivos, reunindo figuras de diferentes áreas de conhecimentos, que se reuniam em torno de colóquios, etc., para debater temáticas de questões que, de uma forma ou de outra, entraram nas preocupações das grandes agências internacionais, universitárias ou não). Podemos exemplificar o que dizemos com a experiência dos ‘coloques de cerisy’, na França. É curioso porque, quando Verón volta à Argentina, depois de longos anos na França, ele vai para a Universidade de San Andrés – uma universidade privada e com bons pensadores, que produz coisas muito boas e compartilhadas com o interesse social. Ali ele estava muito feliz porque estava tentando, naquele contexto de crise no país, redesenhar um formato de diálogo da universidade com a sociedade local. Quando ele recebeu o título de emérito, há dois anos, continuou trabalhando ações estratégicas da universidade, com novos projetos emergentes. Verón pensava como a universidade pode potencializar as suas inteligências para formular projetos diante dessa mesmice neste mundo cético que está aí.

Questão – Uma das preocupações de Verón, dentro dos processos midiáticos, e tua também há muitos anos, é uma ressituação do assim chamado receptor. Onde está

hoje o receptor, particularmente no Brasil às vésperas da Copa, da “guerra eleitoral” e do facebook, como se vê na recente capa da revista Carta Capital?

Fausto Neto – Deixe-me fazer um parênteses em relação às questões anteriores: existiu no Brasil uma geração empreendedora que, entre as décadas 70 e 80 do século passado, esteve à frente de entidades científicas, representantes de várias áreas de conhecimento, e que ofereceram ao estado uma excelente contribuição para suas políticas, como a de desenvolvimento da ciência e da tecnologia, educação superior, etc. A universidade ofereceu o seu capital de inteligência para assessorar as políticas de Estado a fim de fazer das agências alguma coisa a serviço da atividade de pesquisa. Só que, como o modelo mudou, o modelo de concepção do Estado, com o neoliberalismo, etc., com isso a natureza desta tecno-assessoria mudou, e o melhor exemplo é que desapareceu deste cenário a figura protagônica de representantes das sociedades científicas de diferentes áreas do conhecimento.

Sobre o receptor: nós pensamos a teoria da comunicação sempre na perspectiva do nicho de produção, da oferta de mensagens, e que essa oferta geraria efeitos nos moldes em que ela foi ofertada. Quando nós começamos a pensar o receptor do ponto de vista da pesquisa administrada nos Estados Unidos, pensamos o receptor na perspectiva de uma lógica de produção. Quando dizemos ‘o receptor é ativo’, é ativo em relação a quê? A uma reação que ele faz àquilo que lhe oferta a produção. Então, nós começamos a nos mexer, reconhecendo o receptor como instância que trabalha. Esta primeira percepção já funcionaria no contexto de uma sociologia administrada ou compreensiva de origem norte-americana de que o receptor age, porém circunscrita a esse universo de uma epistemologia acionalista, funcional, etc. Quando a semiótica se autonomiza, se desprende do modelo teórico da matemática, da informação e das teorias imanentes do texto, vai colocar outro problema que vai ajudar a qualificar a existência do receptor, que é o seguinte: existe discurso na instância da produção e existe discurso na recepção, que não é o mesmo da produção, porque esses dois pólos trabalham segundo lógicas não convergentes, na medida em que tralham horizontes, postulados, ideologias e problemáticas divergentes. Nessas condições suas articulações são de caráter assimétrico e seus efeitos não são sabidos previa e linearmente, conforme postula a teoria da ação social.

Questão – Verón desenvolveu a teoria da produção e do reconhecimento, nome este que ele deu à recepção, afirmando a atividade destes dois pólos...

Fausto Neto – ... Nisso Verón foi um solitário. Sim, esses dois pólos trabalham numa perspectiva de indeterminação – isto não corresponde àquilo necessariamente – e ele desenvolve um conjunto de trabalhos dentre os quais a noção de “contrato de leitura” para mostrar qual o cenário de uma nova epistemologia para se rever o receptor. Ele desenvolve o conceito de apropriação, isto é, de que modo o receptor se apropria da oferta. E aí nós temos algumas tentativas muito localizadas, no contexto do Brasil, no Rio de Janeiro, um pouco em Brasília, em São Leopoldo-RS, tentando trabalhar nesse marco teórico-epistemológico que o Verón ofereceu como cenário de pesquisa.

TV Globo e Facebook

Questão – E qual o fundamento dessa mudança, por que buscar esse novo marco?

Fausto Neto – O que muda e radicaliza é a complexificação do processo comunicacional, pela atividade da midiaticização, que transforma intensamente tecnologia em meios, crescentemente. E essa transformação de meios também muda as características do protocolo interacional, ao radicalizar a relação “produção/ recepção” na medida em que estes postos passam a se constituir numa nova dinâmica, aqui denominada como de circulação discursiva. Tal dinâmica trata de apontar não só essa assimetria, essa indeterminação produção-recepção, conforme acima enfatizado, mas de perceber que esses dois pólos gozam de manejos distintos sobre a esfera tecnodiscursiva; e este fenômeno se torna mais complexo com a transformação da internet em meio, e em cujo contexto produtores e receptores estão articulados em torno de estratégias aparentemente simetrisantes, mas algo que não dissolve as lógicas sobre as quais se edificam as estratégias, os processos e interesses de contatos entre eles. Essa é a primeira hipótese heurística que esse caldo teórico coloca.

Mas podemos ir mais em frente, dizendo o seguinte: esses dois pólos estão ressitoados no ambiente da circulação, mas as possibilidades de autonomia na organização dos seus contatos é relativa, porque quem organiza a interação, o espaço e o ritual interacional é o nicho industrial comunicativo, que detém esses processos nas suas mãos. Neste sentido, há poucas mudanças entre uma complexa empresa comunicacional

como uma Rede Globo de Televisão e o Facebook. Esse nicho midiático-industrial seja situado ou não também no ambiente da internet, e os receptores, enquanto atores sociais também já situados nesse cenário seminal, eles têm autonomia relativa nesse novo pólo de relações. Os dois usam lógicas diferenciais nos seus contatos interacionais, de um lado as lógicas industriais e, de outro, a de coletivos, fragmentados em situação de recepção. É com base nesta disjunção e distinção que se organiza o trabalho de produção de sentidos no contexto da sociedade em vias de mediação. É a partir daí que ocorrem as possibilidades de dissensos, de estratégias desviantes e de leituras distintas que resultam do trabalho interpretativo que os coletivos (chamados de receptores) fazem da oferta comunicativa, por parte dos meios industriais e tecnológicos.

Questão – E onde está hoje o campo protagônico?

Fausto Neto – Na paisagem tradicional, a mídia tinha um lugar protagônico no sentido de organizar a interação social. Acontece que, com a intensificação de tecnologias, na forma de meios, por conta da emergência das tecnologias digitais, o processo desloca a força dos meios e a coloca nas mãos da sociedade, que passa a dispor de operações de mídias. Em termos de uso, cidadãos têm acesso aos bancos de dado, mas o acesso ao nicho comunicacional dominante, clássico, esse acesso passa por certas organizações que são definidas pelo nicho industrial. Quando esse nicho tecno-industrial percebe que a mediação das redes sociais avança e que os atores sociais passam a falar entre si, a partir das redes, esse campo industrial se desloca, com seus atores e as suas tecnologias, via fanpage, por exemplo, lá para as redes sociais e vai dialogar com os atores sociais lá na ponta ou nos âmbitos dos dispositivos ...

Questão – E isso sem perder a característica de nicho clássico...

Fausto Neto – Sim, desenvolvem uma série de estratégias do tipo ‘estou aqui, mas estou lá também, vou pra lá, me esperem lá’, radicalizando essa zona de contato para permanecer em contato com os atores sociais e, sob certas condições, com esses atores sociais sob vigilância. Ou seja, a recepção se transforma por outro processo de qualificação e que se constitui por dois aspectos: há uma simetria de outra ordem, não totalmente complementar, e não há indicação de que esse nicho tecno-industrial tenha saído totalmente de sua configuração clássica. Por outras palavras, diria a boa sociologia luhmaniana: de um lado, os sistemas continuam vigendo, e o sistema midiático tem

autonomia para construir a sua própria realidade, mas significa que, em oposição a eles – esses sistemas sociais autônomos – aqui se organiza, de outra forma, no caso, a ambiência da sociedade.

Essa é a anatomia da sociedade em vias de midiatização, articulando sob novas formas assimétricas, sistemas e indivíduos, mostra que estamos em um processo de incompletude, ou seja, a midiatização não esgotou ainda a sua processualidade. Seu ritmo segue em frente, mostrando mais divergências e complexidades do que convergências, conforme apregoam os teóricos das novas tecnologias. Significa que não é um processo completo ainda. Alguns dizem: é o fim dos meios clássicos, outros dizem não, os meios clássicos se mantêm onde estão, mas avançando para certos processos interacionais, criando zonas de articulação e acoplamento, como diria Niklas Luhmann, com os atores sociais que, a seu turno, também instalados no território dessa sociedade midática, movem (na forma de jornalistas, colaboradores participativos, o amador que participa da formulação da notícia, por exemplo, do tipo Mídia Ninja). Na realidade, nós precisamos evacuar da construção teórica o chamado modelo de rede dos engenheiros para pensar na complexificação gerada por essas tecnologias que afetam a ambiência como um todo e pensar sobre quais são os efeitos disso tudo sobre as instituições midiáticas ou não midiáticas e a relação delas com os atores sociais e vice-versa.

Questão – Qual o fulcro dessa complexificação?

Fausto Neto – Grande parte de alguns artefatos desse capital, que hoje se entroniza na organização social e midiatizada, não está nas mãos apenas dos meios, mas nas mãos dos atores sociais, todos nós. Isso relança, de outra forma, a nomeação do receptor, que é o receptor que não está à espera do jornal do dia seguinte, nem da emissão da televisão, mas é aquele que está agindo como parte da ecologia dos sistemas, inclusive, ao mesmo tempo em que ele vai ver a novela, ele grava, escuta, ele é um interator, e isso é a sua nova atividade no âmbito da ecologia da comunicação.

Questão – Pode-se apontar uma diferença de fundo entre este receptor das manifestações de junho de 2013 e de agora às vésperas da Copa do Mundo, e aquele de 2003, quando tu e o Verón organizaram o livro “Lula presidente. Televisão e política na campanha eleitoral”?

Fausto Neto – De alguma forma, talvez, em 2003 nós estávamos fazendo a passagem de um outro estágio da sociedade dos meios para a sociedade em vias de

mediatização. Naquele momento o grande operador referencial da eleição foi a televisão, na qual os atores ingressavam para produzir uma interpelação do discurso político ainda que ritualizado pela gramática midiática. Exemplificando: quando a Globo abre o debate político, cede a palavra aos candidatos, mas sob a regulação televisiva, convida também eleitores selecionados para, no palco televisivo, formular um diálogo, uma interação com os candidatos. Nesse processo, a televisão deixa de ser a janela pela qual vemos o mundo, mas a porta na qual nós ingressamos para co-construirmos, na televisão, o mundo, uma realidade pronta. Nesse momento histórico nós estamos ainda, ali, terminando a passagem para o terceiro estágio da televisão – da páleo à neo-televisão e, num terceiro momento, marcas de um singular estágio da mediatização das práticas sociais. Ao chamar também os eleitores para o programa, a televisão como que diz: ‘aqui também se faz uma atividade de contato entre os eleitores e os candidatos’.

Lula Compreendeu seu Tempo na Relação com a Mídia

Questão – Como vencedor daquela eleição de 2003, qual foi a compreensão, no aspecto político, desse processo novo, por parte do Lula?

Fausto Neto – Tenho uma hipótese : acho que o Lula fez com muita competência uma campanha com a clara compreensão do que seja o tempo de gestão da campanha do que seria o tempo de gestão de governo, momentos diferentes. O tempo da gestão de campanha é chamado tempo curto, igual ao tempo da Copa do Mundo. O Lula abandona a estratégia antiga, o velho sindicalismo, e aceita novos partidos como aliados, ocupa os meios recusando todas as estratégias de enunciação próprias dos meios – e isso ele faz com muita competência para não cair na armadilha dos meios – recusa entrevistas, deixa a cadeira vazia no estúdio em que faltou ao debate, não se importa com os espaço em branco nos jornais à falta de suas respostas às entrevistas. Ele não ocupa esse espaço que lhe é ofertado pelas grandes mídias para a produção de uma interação sobre a qual as mídias teriam o controle, do tipo: ‘você pode falar o que quiser, porém o mas final é nosso’. Lula escapa dessa jogada, fazendo um outro jogo de enunciação, usufruindo, de maneira muito singular da lógica da mediatização, sem entrar na lógica dos sistemas midiáticos.

Questão – E quanto ao tempo de gestão, como presidente?

Fausto Neto – Quando ele assume, ele faz a passagem para a tentativa de viver uma experiência política midiaticizada, nos quatro anos de mandato. Aí advém a crise, mas ele ocupa o lugar da crise e deu certo, dizendo “nós vamos vencer essa”, tanto que ele é acusado de língua solta, o discurso do Lula fala ao mundo, ocupa um lugar internacional e, ao mesmo tempo, Lula e seu grupo conseguem elaborar uma estratégia econômica que é o retorno ao mercado interno, e que no curto prazo era aquilo mesmo, ou seja, criar as condições para o mercado interno consumir, e deu certo. E nunca um presidente saiu tão bem avaliado como ele saiu para um segundo mandato. O segundo mandato traz uma mudança de gestão e também o problema da crise de 2008, com o esgotamento do modelo de intervenção do Estado. Exauriu o país, tem reservas mas não pode continuar assim; a atividade econômica não funciona, há que haver algumas concertações...

Questão – E hoje, com a internet, como se dá esse processo mídia-política?

Fausto Neto – Com a internet, há uma radicalização desses processos com transformações da mediação, e as estruturas mediadoras do jornalismo entram em crise. O campo político dispensa a mediação jornalística e fala diretamente com a sociedade, porque a sociedade está ligada aos mesmos mecanismos a que estão ligados outros campos, inclusive nas redes sociais, etc. E qual foi a reação da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) sobre os estilos de contatos dos presidentes Correa [presidente do Equador], de Evo Morales [presidente da Bolívia] e Chaves, da Venezuela), foi dizer que as liberdades estavam ameaçadas, porque a SIP defende a importância da ritualização mediadora da imprensa e do jornalista como dispositivo de interação, e mesmo, regulação social. O jornalista é um regulador, assim como a imprensa como um todo, segundo seus ritos e regras de produção de sentido. Ora, se se retira de cena esse aparato mediador e regulador histórico, clássico, isso mexe com regras as sobre as quais se assentam as interações institucionais.

As Múltiplas Agendas da Copa

Questão - A mídia brasileira acha-se no centro de um debate intenso, notadamente nas redes digitais, como responsável por agendar à sociedade nacional e pautar à mídia estrangeira um potencial fracasso da Copa do Mundo, o que, segundo inúmeras análises, traria dificuldades político-eleitorais ao atual governo e ao PT.

Percebeu-se que os jogos tiveram início num ambiente de transparente desânimo geral dos brasileiros. No entanto, transcorridas duas semanas do certame esportivo, verifica-se uma espécie de esquecimento dos aspectos negativos enfatizados nos noticiários sobretudo da televisão. Ontem (26/06), por exemplo, o JN da Rede Globo tentou retirar de si a responsabilidade por essas previsões negativas, creditando-as à mídia internacional. Hoje, tanto a TV brasileira quanto a estrangeira elogiam, de modo geral, a organização e o desenrolar dos jogos. A capa da revista Veja, em seu último número, fala que a Copa "é só alegria". Na tua análise, a que se deve essa mudança discursiva? Partindo das reflexões de Verón e das tuas próprias, após esta Copa os teóricos da comunicação terão um trabalho específico no sentido de aprofundar a busca de uma nova posição do chamado receptor no âmbito do processo de midiatização da sociedade? A crescente e maciça introdução da comunicação via redes digitais estaria provocando um furacão nos sistemas empresariais? O que há de novo nesse lugar/sujeito da midiatização, tradicionalmente chamado de receptor?

Fausto Neto - Vivemos uma ecologia complexa na qual os acontecimentos estão interligados, particularmente tratando-se de uma Copa do Mundo que envolve ações e interesses de vários campos sociais: esportivo, político, publicitário, midiático, segurança, diplomático, etc. Tal articulação se complexifica no contexto da sociedade midiatizada, na qual todas as práticas sociais se conectam ou se afetam por referências e operações midiáticas.

A Copa, particularmente, está atravessada por uma multiplicidade de agendas, especialmente aquelas de natureza política e midiática que atraem para si dinâmicas que eclodem e circulam de outras instâncias. Recordemos os seguintes momentos que, de alguma forma, chamam atenção para estas conjunturas: em um primeiro momento, os sistemas sociais de modo geral - inclusive o midiático, aprovam a disponibilidade do país em fazer a Copa aqui, elogiando, inclusive, a adesão do governo brasileiro para tais fins. Entretanto, as agendas se cruzam e as mídias têm sempre uma atitude adaptativa em relação a outras agendas, especialmente quando as mesmas suscitam e desafiam a sua autonomia e suas "idealidades fiscalizatórias". É o momento no qual elas exteriorizariam também seus vínculos e/ou preferências políticas, etc. Este é o segundo momento, marcado pela exteriorização da agenda política, momento em que coberturas sobre a realização da Copa e da política se cruzam, quando o tema das manifestações de

junho de 2013 e a da Copa das Confederações se cruzam . Este cruzamento se consolida nesta fase que corresponde à realização da Copa propriamente dita, quando, de fato, se destaca um amplo e sistemático trabalho de tematização de questões, cruzando política, economia e esporte, pondo em risco a realização deste acontecimento.

Se lermos analistas de mídias, que analisaram as coberturas jornalísticas, em alguns destes períodos, observaremos que destacam o que chamam de uma "postura esquizofrênica" por parte de algumas mídias jornalísticas: de um lado, colar os temas das manifestações de 2013 e as mais recentes com as questões sociais, enfatizando a incapacidade do governo em enfrentar tais questões, etc., algo que poria em risco a Copa. De outro lado, a necessidade de redesenhar esta natureza de coberturas tendo em vista o que representaria os efeitos das mesmas sobre os seus próprios negócios publicitários e comerciais associados à realização da Copa.

Destacamos, novamente, a "capacidade adaptativa das mídias" em relação às agendas, mas também para o fato de que muitos acontecimentos e suas dinâmicas não dependem apenas do trabalho discursivo dos dispositivos midiáticos. Para além desta dimensão, há outros mecanismos de mediação (que permeiam a organização social como um todo) que transcendem às operações específicas das mídias. Este aspecto está associado ao modo de desenvolvimento da Copa, quando no lugar da "catástrofe anunciada" vemos a Copa se desenrolando num clima de muitos conagraçamentos, festividades, etc. Ou seja, outros rituais e suas gramáticas estruturam o acontecimento, impondo-lhe um desenrolar que retira de cena a "profecia auto-realizante midiática".

Práticas diversas, emanadas pelos atores sociais (o que chamamos aqui de receptores) dão um outro contorno à tematização pré-semantizada pelas mídias, o que faz com que a agenda de inviabilização da Copa se torne "poeira". O que evidencia o surgimento de uma nova nuvem, no lugar da poeira, é justamente esta última fase, quando a "vocalização adaptativa midiática" tem que se curvar à dinâmica que vem do corpo social, das massas, segundo a construção e direção que os atores sociais dão ao acontecimento. Estas deslocam o acontecimento dos valores-notícias pre-eleitos e da racionalidade autorreferente de cada mídia, para outras racionalidades, subjetividades e lógicas, cujo teor não se dá a conhecer antes, e nem podem ser captadas a priori pelos sistemas de inteligibilidades midiáticos. Estes grandes acontecimentos que se realizam segundo um intenso trânsito de sentidos, tem no "homem ordinário" o seu vetor



principal. São signos que extrapolam e mostram que o acontecimento se engendra nas ruas - ou nos entornos das mídias. E, neste caso, contrariam rotinas, tematizações e "contratos de leituras" de cada mídia.